



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura dos termos de cooperação com as 12 cidades-sede da Copa 2014 (mobilidade urbana)

Palácio Itamaraty, 13 de janeiro de 2010

Presidente: Olhe, eu acabei de conversar com o presidente Obama. Ele fez um telefonema para se solidarizar com o Brasil pelas mortes dos brasileiros que estão no Haiti...

Jornalista: O senhor pode falar um pouco mais alto, Presidente, por gentileza?

Presidente: Eu acabei de receber um telefonema do presidente Obama, que me ligou, primeiro, para prestar solidariedade ao Brasil pelos brasileiros que faleceram no Haiti. Segundo, para parabenizar o Brasil pelo trabalho que o Brasil está fazendo no Haiti. E nós concordamos que precisamos trabalhar de forma conjunta, entre Brasil e Estados Unidos, para que a gente possa nessa coordenação conjunta tentar, a partir do Haiti, agilizar todo o trabalho que for possível fazermos para minimizar o sofrimento do povo do Haiti. Nós... já chegou hoje... deve estar chegando neste momento lá o ministro Nelson Jobim mais a representação de outros Ministérios do Brasil. Hoje ainda sai um Hércules com 14 toneladas de alimentos e medicamentos. Amanhã de manhã sai um 707 com 50 bombeiros – 30 do Rio de Janeiro e 20 de Brasília, com cães farejadores, para que a gente possa ajudar no resgate das pessoas, vivas, ou mesmo dos corpos das pessoas que já morreram, e também levando água e medicamentos. Nós esperamos que a partir da chegada do ministro Jobim lá e do nosso Embaixador, e podendo ter contatos pessoais com autoridades do Haiti, com outras autoridades de lá, com o comandante das Forças Armadas Brasileiras que coordena a Minustah, a gente possa saber de



informações mais precisas e saber que tipo de ajuda mais a gente pode dar ao Haiti. Também propus ao presidente Obama que nós... que o Brasil estava disposto a participar, junto com os Estados Unidos e com a ONU, na coordenação de uma reunião dos países doadores, para que a gente possa agilizar logo o que for necessário de recursos para a gente recuperar o Haiti. E eu penso que agora nós vamos trabalhar com maior precisão, a partir da chegada do nosso Embaixador lá e do ministro Jobim, porque agora a gente vai ter informações mais precisas. Nós não sabemos ainda de todos os brasileiros. Tem gente que ainda não apareceu desde que aconteceu o terremoto. E agora temos que aguardar. A nossa disposição é fazer o que estiver ao nosso alcance para que a gente possa ajudar aquele país, que o Brasil já vem ajudando há alguns anos. Vocês estão lembrados que nós levamos até a Seleção brasileira para jogar no Haiti, para mostrar o compromisso do Brasil com a restauração da paz. É um país que não tem recebido os recursos que deveria ter recebido com a rapidez que deveria ter recebido, é o país mais pobre do mundo e, portanto, eu acho que todos nós temos que colocar como prioridade a ajuda ao Haiti, neste momento.

Jornalista: Presidente, a perda lastimável da Zilda Arns também no terremoto.

Presidente: Veja, eu penso que a perda da nossa companheira Zilda Arns é triste para o Brasil, mas eu diria que é triste para o mundo inteiro, porque era uma pessoa que lutava pelo restabelecimento da dignidade da pessoa humana, pelas crianças, pelos idosos. Eu penso que não apenas o Brasil, acho que o mundo perdeu uma guerreira que trabalhava de forma incansável para ajudar o povo mais humilde do mundo e do Brasil. Mas, também, nós temos que lamentar os nossos heróis que estavam lá fazendo trabalho voluntário, os nossos soldados que morreram prestando serviço em nome da Pátria brasileira ao Haiti.



Jornalista: O presidente Obama (incompreensível) países doadores, para organizar uma saída para a recuperação do Haiti? O senhor pode falar um pouquinho mais (incompreensível)?

Presidente: Ele não só concordou como disse que amanhã vai ter uma reunião com o ex-presidente Bill Clinton, que é o homem dos Estados Unidos para o Haiti, o homem da ONU para o Haiti. Depois o Celso Amorim e a secretária Hillary Clinton vão conversar e, se for necessário, eu e o Obama voltamos a conversar.

Jornalista: O Brasil vai doar 15 milhões, Presidente? (incompreensível)?

Presidente: Não, já fizemos a doação de 15 milhões. Eu acho que haverá compreensão do povo brasileiro e haverá compreensão do Congresso Nacional de que nessas horas nós precisamos colocar a mão no bolso para ajudar o povo do Haiti.

Jornalista: Em dólares? 15 milhões de dólares?

Presidente: Gente, só um minutinho...

Jornalista: (incompreensível) a desorganização é tamanha, que é preciso uma atuação do Brasil, inclusive na organização para pedir a ajuda (incompreensível)?

Presidente: Veja, que há uma desorganização, ela é perceptível e visível, pela imagem que nós vimos pela televisão. Obviamente que o Haiti já era um país em reconstrução. Com um terremoto desses, o que tinha de organização, o



que tinha de prédio, o que tinha de hotel caiu. Então, as pessoas estão totalmente desorientadas. Obviamente que as Forças Armadas brasileiras, que têm uma credibilidade extraordinária junto ao povo do Haiti, mais a chegada do ministro Jobim, mais a chegada do Comandante do Exército, do Comandante da Marinha, mais a chegada de outros ministros brasileiros que foram para lá... médicos do Ministério da Saúde, dos Direitos Humanos, da Integração Nacional, nós vamos chegar sem o nervosismo e sem a dor do povo haitiano. Então, nós vamos ter muito mais capacidade de procurar as autoridades do Haiti para que, junto com elas, a gente possa coordenar. Não tem como o Brasil fazer alguma coisa sem se colocar de acordo com as autoridades do Haiti. Hoje eu até queria falar com o presidente Préval, mas está difícil a comunicação. Nós esperamos que a partir de amanhã a gente tenha condições de conversar com algumas autoridades do Haiti para que a gente ajude exatamente naquilo que eles estão precisando. Não poderia acontecer coisa pior do que a gente mandar um tipo de ajuda que eles não estão precisando. Nesse momento, nós temos que trabalhar obedecendo a orientação dos dirigentes do país. Eles é que vão nos dizer o que precisam, como é que gostariam que nós fizéssemos. A única coisa que eles têm que saber... vocês viram que eu fiz um apelo aos governadores, todos estão dispostos a ajudar, todos. Nós temos quatro hospitais de campanha no Rio de Janeiro, que o Sérgio Cabral ofereceu. Alguns deles foram utilizados agora em Angra dos Reis, e nós estamos dispostos a dar a contribuição que for necessária.

Jornalista: Presidente, havia previsão de que o senhor viajasse ao Haiti (incompreensível)...

Presidente: Veja, tinha uma agenda minha, por conta da viagem ao encontro do Grupo do Rio, no México. Depois, a minha ideia, e que eu propus ao ministro Celso Amorim, é que na volta nós passássemos em Cuba, porque tem



alguns acordos para assinar, passássemos no Haiti, passássemos na República Dominicana e passássemos em El Salvador. A agenda continua. Talvez agora, mais necessário do que nunca, a gente ir ao Haiti. Mas vamos aguardar agora, que o ministro Jobim está lá em solo do Haiti, que a gente possa receber as orientações de como a gente proceder daqui para a frente.

Jornalista: (incompreensível) uma atualização (incompreensível)?

Presidente: Não, não tive, até porque eu estava em um ato público. Está bem, gente? Obrigado, tchau, gente.

Jornalista: Presidente, só uma questão. Presidente, está resolvida a questão do plano nacional de direitos humanos? O impasse está resolvido?

Presidente: Ela não tinha problemas. Quem criou o problema, está resolvido. A coisa... Eu, sinceramente, acho que todo mundo precisa aprender uma coisa. Quando você faz uma conferência nacional – e nós já fizemos 63 –, que você envolve todos os segmentos da sociedade e que você envolve 20, 30 ministros, é bem possível que o resultado disso tenha várias divergências. Graças a Deus, este país é um país presidencialista que permite que nas divergências o Presidente possa resolver o problema. E o problema nem deixou de existir, nem era tão grave, como algumas pessoas imaginaram, que a República iria cair por causa da divergência.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja: nós levamos em conta a necessidade de que aquilo é um programa aprovado pela sociedade civil e, portanto, nós agora... eu fiz um novo decreto criando o Grupo de Trabalho que vai transformar tudo aquilo em um



projeto de lei que vai para o Congresso Nacional. Então, aquilo que não foi acertado na Conferência, será acertado nesse Grupo de Trabalho, que passará por mim e, portanto, isso vai para o Congresso Nacional, e o Congresso Nacional, então, é que vai dar a palavra final e vai dar o rosto daquilo que a gente quer normatizar no Brasil como direitos humanos. Eu acho que é uma coisa tranquila, acho que é privilégio de um presidente da República ter um ministro da qualidade do Paulo Vannuchi, um ministro da qualidade do Jobim, e mais normal ainda é que um filho da democracia, como eu, possa utilizar a democracia para resolver divergências internas que existam no governo.

Jornalista: A solução que o senhor deu, Presidente, agrada ao Jobim (incompreensível) proposta do ministro Jobim. O ministro Vannuchi não ficou chateado (incompreensível)?

Presidente: Veja, primeiro, eu não conheço se a proposta foi do Jobim ou não. Eu fiz uma conversa com os dois ministros, de manhã, e os dois estavam de acordo.

Jornalista: Agora, Presidente, (incompreensível) ameaça?

Presidente: Não, não, não. Me incomoda, me incomoda, me incomoda é que se nós fôssemos um governo em que os ministros não pudessem ter divergência... Deus queira que eles tenham todas as divergências que tenham que ter, e quando eles não encontrarem uma solução, o presidente da República toma a decisão que porá fim à divergência. É assim que funciona.

Jornalista: Por que até hoje o Brasil tem tanta dificuldade para tratar desse assunto, depois de 25 anos?



Presidente: O Brasil não tem dificuldade, gente. O tema é polêmico. E a sociedade brasileira é uma sociedade plural, é uma sociedade que vive democracia vinte e quatro horas por dia. Não tem nenhum país do mundo que tem a democracia se consolidando, com a ascensão da sociedade civil, como tem o Brasil. Eu acabei de dizer para vocês: no meu governo nós já fizemos 63 conferências nacionais. A última que eu fiz foi a da Comunicação, em que os empresários, grandes empresários não quiseram participar achando que ia ser uma guerra, quando no fundo, no fundo, o resultado foi de uma sabedoria extraordinária. Ou seja, tanto o pessoal que tem o pensamento mais à direita, quanto o pessoal que tem o pensamento mais à esquerda se colocaram de acordo de que, entre os dois comportamentos, era preciso que fosse aprovado na Conferência, no seu contexto geral, aquilo que é possível de ser colocado em prática no Brasil. Eu acho que quem esperava divergência, quem esperava que houvesse brigas, cadeiradas, tiros, deve estar triste agora porque a Conferência se deu em um alto nível extraordinário. E era normal as pessoas cobrando: os que querem TV comunitária brigavam mais, os que querem rádio comunitária brigavam mais, mas se não for assim, como é que você constrói a democracia? Eu sei que algumas pessoas gostariam que no regime democrático não tivesse tudo isso, que o Presidente pudesse fazer as coisas, não ter discussão, não ter divergência, que os ministros fossem todos muito obedientes, que não divergissem entre eles. Mas isso não é democracia, isso é autoritarismo. Democracia, a gente consegue permitir que a discussão se dê até o momento em que a gente fala “Bom, temos que construir uma arbitragem”. E as coisas funcionam assim na democracia, e graças a Deus...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, veja, eu conheço o comportamento da Igreja sobre o aborto há muito tempo, vocês conhecem o meu comportamento sobre o aborto há



muito tempo, isso não é novidade. A vantagem minha é que como eu fui candidato em [19]82, em [19]86, em [19]89, em [19]94, em [19]98, em 2002, em 2006, não teve campanha que eu fiz que a questão do aborto não fosse um tema perguntado para mim. Veja, o fato de eu ter uma posição, não cabe a mim proibir que a sociedade se manifeste, tendo uma posição contrária à minha. Seria diferente se eu tivesse uma posição antagônica à sociedade. Ora, são exatamente essas posições antagônicas que permitem que a gente possa construir o caminho do meio na elaboração do projeto e na discussão dentro do Congresso Nacional. E assim nós vamos construindo a democracia brasileira que, diga-se de passagem, vai muito bem.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Hein?

Jornalista: Que a democracia no Brasil impera ajuda a dirimir esses temas, mas não é estranho que um país que já está há 20 e tantos (incompreensível), que os militares tenham o poder de oferecer seus cargos como renúncia e obrigar o Presidente a modificar (incompreensível). Eu não entendo como...

Presidente: Veja, primeiro, se você escreveu isso, e agora você quer justificar o que você escreveu... Primeiro, que não houve nenhuma renúncia de militar para mim. Não houve nenhuma renúncia para mim. Eu estava de férias, carregando isopor, quando eu ouvi vocês dizerem isso. Como o presidente da República não pode trabalhar sobre ilações e muito menos insinuações, eu só trabalho com os fatos concretos que chegam à minha mão. Então, a única coisa que chegou à minha mão e que foi resolvida, foi a divergência entre dois ministros, e que foi resolvida hoje. Só isso, pronto.



Jornalista: Presidente, o decreto de Angra, liberando o FGTS...

Presidente: Olha, veja, o problema, o problema... Eu tive uma conversa com o Sérgio Cabral hoje, conversa com o prefeito de Angra, com os prefeitos das cidades da Baixada Fluminense, que sofreram as enchentes... Nós já fizemos a medida emergencial através do Ministério da Integração, colocando R\$ 130 milhões à disposição, e nós, agora, vamos ter que discutir as medidas que são estruturantes para Angra e para a Baixada Fluminense. E essas coisas você não pode fazer por emergência porque você tem licitações, você tem Tribunal de Contas, você tem que passar pelo Congresso Nacional. Então, o que acontece? A partir da semana que vem, nós vamos fazer uma discussão com o Ministério do Planejamento, com o Ministério da Economia [Fazenda], e vamos ver – da mesma forma que nós agimos em outras enchentes – a liberação do Fundo de Garantia para as pessoas começarem a repor aquilo que perderam dentro de casa. O que vocês têm que entender é o seguinte: até o final de março eu vou apresentar o segundo PAC, ou seja, o PAC II, e nesse PAC II nós teremos as obras que ainda não foram completadas, mas também nós vamos ter obras novas. E nós vamos priorizar uma coisa que há muito tempo não tinha sido priorizada, e que nós começamos a priorizar no primeiro PAC. O que é? É cuidar dos grandes problemas que nós temos nas grandes regiões metropolitanas deste país, que é o problema de enchente, que é o problema de transporte, que é o problema de saneamento básico, que é o problema habitacional.

Na verdade, o que nós vamos fazer – e eu tenho dito isso nos meus discursos – é quase uma política de reparação dos desmandos administrativos que aconteceram neste país nos últimos 40 anos. Ou seja, a irresponsabilidade e o empobrecimento do País foram permitindo que as pessoas se amontoassem de forma inadequada, em lugares inadequados, em áreas de risco, e por... não apenas por questões econômicas, mas por interesses



políticos, muita gente tirava proveito disso. É engraçado, porque quando as pessoas ocupam um lugar inadequado, em vez de se agir imediatamente e tentar deslocar a pessoa para um lugar seguro, e tal, tem gente que gosta que ocupem. Agora, quando desmorona e cai, não aparece culpado.

Então, eu penso que esse PAC II vai tratar disso com uma responsabilidade que não é tratado no Brasil há muitas décadas. Obviamente que nós vamos fazer isso porque já precisamos colocar dinheiro no Orçamento de 2011, e eu não quero deixar o problema para quem vier depois de mim. Eu quero deixar aprovadas as prioridades feitas com prefeitos e governadores, até porque muitos prefeitos estarão governando até 2012. Portanto, eu vou fazer com eles essas coisas.

E eu, então, estou achando que as coisas estão andando e nós vamos ajudar o Rio Grande do Sul, porque como o Brasil é um território muito grande, em um semestre a gente ajuda uma região por causa da seca, em outro semestre a gente ajuda por causa da cheia, e a gente tem que agradecer a Deus, não as desgraças, mas de o Brasil ser tão grande e a gente ter esses problemas que a gente possa solucionar.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: A última, a última, a última pergunta.

Jornalista: Presidente, o senhor passou por cima do relatório da... O senhor passou por cima do relatório da Aeronáutica?

Presidente: Não, não, eu estou dizendo que eu vou, na semana que vem, possivelmente na segunda-feira, ter uma reunião com o ministro da Fazenda, com o ministro do Planejamento, para que a gente discuta isso. A questão dos caças... Eu vou contar uma coisa para vocês: o único que ficou em silêncio até



agora fui eu, e fiquei em silêncio porque sou eu que tenho o poder de decidir. E quem tem o poder de decidir tem mais responsabilidade, não fala o que quer, fala o que pode. Portanto, eu disse hoje ao meu ministro da Defesa que ele vai me apresentar um relatório, quando esse relatório for apresentado pelo ministro Jobim a mim, aí eu tomarei a iniciativa de convocar o Conselho de Defesa, poderei tomar a iniciativa de fazer um debate no Congresso Nacional, poderei... Porque essa questão do caça não é uma questão comercial comum, não é um acordo eminentemente econômico: “eu vou comprar um porque é mais barato ou vou comprar outro porque é isso...” Não. Nós estamos tentando mostrar para a sociedade brasileira que nós estamos discutindo a soberania do nosso país, inclusive a soberania tecnológica. Obviamente que entra a questão do custo, e as propostas estão colocadas em cima da mesa. O ministro Jobim tem a minha determinação de fazer a discussão com quem deva fazer, até que a gente construa uma coisa que vai caminhar para os “finalmente”, e aí eu vou decidir o que fazer.

Jornalista: Pode ser este ano ainda?

Presidente: Não pode ser, eu não trabalho com especulação. Pode ser este ano...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Pode ser este ano. Obviamente que eu não posso deixar... O governo passado já deixou para mim. Eu, quando entrei em 2003, eu tinha que tomar essa decisão. Acontece que eu tinha que escolher: ou combatia a fome ou comprava avião. E eu preferi combater a fome no País, por isso é que eu não dei prioridade. Mas agora o Brasil ganhou um outro perfil. Nós, agora, além da Amazônia, poderosa, que ganha importância no mundo com a questão



climática, nós temos a nossa Amazônia Azul – são 8 mil quilômetros de costa marítima – e ainda, por conseguinte, com o pré-sal lá dentro. Então, aumenta muito a nossa responsabilidade para cuidar dos interesses nacionais. Todo mundo sabe que o Brasil é um país de paz. Eu não me ofendo quando alguém fala: “Vocês gostam de carnaval e de samba”. Gostamos mesmo, mas também gostamos de trabalhar, mas também gostamos de ser sérios. E agora, mais uma coisa importante: nós estamos gostando de ser importantes, porque isso mexeu com a nossa autoestima. Então, nós, agora, queremos nos transformar em uma nação grande economicamente, em uma nação grande tecnologicamente, e em uma nação que tenha, no âmbito da defesa, o tamanho da própria importância da nação brasileira. É assim que a gente vai agir. E por favor, pelo amor de Deus, não pensem que eu vou ficar nervoso em 2010, porque este ano eu vou voltar a ser o “Lulinha, paz e amor” que vocês conheceram nos bons momentos.

Um abraço.

(\$31EGJLP)